

GADOTTI, Moacir. “Prefácio: Fazer o possível de hoje”. In: RAMOS, Lilian Maria Paes de Carvalho. *Educação de rua: o que é, o que faz, o que pretende*. Rio de Janeiro: Amais Livraria e Editora Ltda., 1999.

## Prefácio

### Fazer o possível de hoje

Dia 12 de dezembro de 1998 foram comemorados os 50 anos da Declaração dos Direitos Humanos. Mas não é muito para comemorar pois eles continuam sendo desrespeitados. A existência de crianças de rua é uma eloquente demonstração desse fato. Mas existem avanços e é preciso mostrar, como o faz Lilian Ramos nesse livro que, certamente, inspirará novas iniciativas.

Vejo este livro numa perspectiva mobilizadora, com o “pessimismo da inteligência e o otimismo da vontade”, como dizia Gramsci. Ele representa uma importante contribuição a essa necessária pedagogia dos direitos, sintetizando posições e concepções consolidadas de educadores e de instituições que atuam enfrentando o imenso desafio que representa a criança de e na rua.

Na análise dos discursos dos educadores sociais de rua e de seus projetos institucionais ela distingue duas concepções que denomina “educação popular” e “educação social”. Mesmo tendo a mesma origem e preocupação emancipatória, a primeira centra-se mais com a formação crítica, fortemente influenciada pelas ideias de Paulo Freire; e a segunda preocupa-se mais com a reinserção social dos meninos e meninas excluídos da sociedade e é fortemente marcada pelo humanismo cristão. A autora consegue chegar a essas concepções – complementares, não antagônicas – mediante a análise das respostas que obteve a perguntas relacionadas com a questão da família, do trabalho, da educação e das perspectivas futuras de atuação junto a meninos e meninas de rua.

Em 1990 o Brasil sancionou o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que inspirou 16 países latino-americanos. Apesar disso, nossos índices de mortalidade infantil são comparáveis aos de países africanos que têm um desenvolvimento bem menor do que o nosso. Mesmo tendo um Estatuto tão avançado, somos vistos como o país do extermínio das crianças. Temos uma legislação avançada e uma prática ainda muito precária. Todos reconhecem que a existência de crianças de rua é um produto, um resultado de uma sociedade injusta. O desrespeito aos direitos da criança tem a ver com a pobreza e a exclusão geradas pelo modelo econômico. Acumulamos assim uma grande dívida para com as crianças, do campo e da cidade, que é também uma dívida em relação aos adultos pobres deste país que vivem sem emprego e em condições de vida sub-humanas. A criança é apenas o elo mais frágil de uma situação social de injustiças.

Mas não se pode esperar que o modelo econômico mude, que os níveis de pobreza sejam

reduzidos, para que o problema então seja resolvido “automaticamente”. É preciso vontade política dos governantes e compromisso da sociedade. É ainda preciso que a sociedade deixe de considerar as crianças que perambulam pelas nossas ruas como “perigosos trombadinhas”, uma típica visão de classe dominante. Será ainda preciso educar para os direitos humanos, pois volta e meia ouvimos declaração contra eles, preconceito que termina por justificar também o extermínio de crianças. Essa é uma educação que deveria ser considerada nas nossas reestruturações curriculares numa perspectiva cidadã. A pedagogia dos direitos deveria fazer parte de nossas estratégias de desenvolvimento dos “temas universais” para o tratamento da cidadania, da diversidade cultural, da ética, da ecologia etc, envolvendo não só os alunos, mas também as suas famílias e a comunidade.

A criança injustiçada precisa ser constantemente tematizada. Ela deve fazer parte de nossa agenda diária, na escola, na empresa, nos meios de comunicação, nas nossas conversas, nos nossos sindicatos, mobilizando nossas energias. E os educadores sociais de rua devem dar também o seu testemunho, evidenciando e sistematizando a sua experiência vivida. Não podemos deixar que o assunto fique restrito a “especialistas”. Ele toda a todos nós. E deve tocar profundamente, pois, como dizia nosso grande poeta Mário Quintana, “o que mata um jardim não é o abandono, mas a indiferença dos que passam por ele”. Entre nós, superar a cultura da indiferença, herança de uma civilização que nasceu sob o signo da violência e da exclusão, é a condição básica para enfrentar esse grande desafio, para “fazer o possível de hoje para amanhã tornar possível o impossível de hoje”, como nos dizia Paulo Freire.

Moacir Gadotti